

O rescaldo das eleições de 2014 no Brasil

Katia Saisi

O Brasil acaba de passar por um momento especial: as eleições para os principais cargos dos poderes executivo e legislativo nos níveis federal e estadual. Mais de 100 milhões de brasileiros foram às urnas, para eleger presidente, governadores, senadores, deputados federais e estaduais.

Como se vê há 20 anos, repetiu-se o confronto entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Desta vez, entretanto, a polarização foi extrema, com um final bem apertado: A diferença de votos foi de apenas 3,4 milhões, a menor em um segundo turno desde a redemocratização.

Durante a campanha, ou mesmo depois, o confronto entre candidatos e seus seguidores beiraram muitas vezes a hostilidade. Parecia encontro de torcidas organizadas, como as do Corinthians e Palmeiras: absolutamente passional, em que a razão obscureceu o debate, limitado a questões pontuais e não estruturais. E quando se perde a razão, sobra apenas agressividade, de um torcedor que só quer agredir o adversário, chegando ao extremo de eliminá-lo, como infelizmente vemos acontecer. Uma postura que vai contra o espírito solidário, lúdico e ético, que caracteriza o princípio desportivo.

O mesmo se dá na política. A violência é empobrecedora da democracia. Sem o adversário, não há democracia, assim como não há esporte. É preciso reconhecer a riqueza da pluralidade de ideias e a legitimidade do outro, do diferente. Respeitar as diferenças é o que nos faz, de fato, sermos humanos.

Isso não quer dizer que nossa democracia esteja enfraquecida. Pelo contrário. Estamos aprendendo a viver democraticamente. Afinal, quando Dilma Rousseff assumir seu segundo mandato, em janeiro de 2015, completam apenas 30 anos de volta à democracia.

Nesse processo de aprendizagem, há muito o que se caminhar. Algo ficou claro durante a campanha eleitoral de 2014: a urgência de mudanças na política. Chamo atenção para alguns aspectos, que devem mobilizar nossas atenções daqui para frente.

Em primeiro lugar, é preciso dar mais poder ao cidadão comum, por meio da reconfiguração das instituições de representação. O atual sistema pouco representa os anseios da população. Foi isso o que os movimentos de junho do ano passado deixaram claro.

Também precisamos pensar em mecanismos para aumentar a transparência sobre as decisões governamentais, bem como ampliar e aperfeiçoar o controle e fiscalização sobre quem exerce o poder. O empoderamento do cidadão passa pela transparência nas ações dos políticos. Só assim será possível combater a praga da corrupção.

A partir dessas premissas podemos pensar na reforma política, da qual se fala há anos, mas que até agora não entrou na pauta por falta de interesse de grupos que estão no poder e que não querem alterar as regras do jogo.

Há várias questões que precisam ser pensadas e debatidas pela sociedade: as normas de financiamento de campanhas, para garantir igualdade de condições de competição eleitoral; o sistema proporcional, que atualmente gera descabimentos como a eleição de candidatos sem a menor representatividade; o desequilíbrio entre os poderes executivo e legislativo; e a oligarquização dos partidos, dentre outros.

Os desafios são enormes e só se consolidarão com o engajamento da própria sociedade. Afinal, a democracia é uma obra aberta, em permanente construção.

Katia Saisi é jornalista, especialista em comunicação e marketing, mestre em comunicação e mercado e doutora em Ciências Sociais (Política). É docente na ECA-USP, Universidade São Judas e Instituto do Legislativo Paulista. Autora do livro *Campanhas presidenciais, mídia e eleições na América Latina: Brasil, Chile e Venezuela* (Editora Medianiz, 2014).